



Revista  
**ethne**

ISSN 2965-1417

**V.3 N.1 (2024)**



### **Coordenação Editorial**

Dr. Marcos Flávio Portela Veras, Universidade Evangélica de Goiás, UniEVANGÉLICA.

### **Conselho Editorial**

Dr. Miguel de Nazaré Brito Picanço (Universidade do Vale do Rio dos Sinos)

Dra. Maria do Perpétuo Socorro Chaves (Universidade Federal do Amazonas)

Dr. Alfredo Ferreira de Souza (Universidade Federal de Roraima)

Dr. Christian Maciel de Britto (Universidade Federal do Paraná)

Dr. Dave Eberhard (Dallas International University)

Dra. Lídice Meyer Pinto Ribeiro (Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias).

Dr. Cláudio Antônio Cardoso Leite (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul).

Dr. Almir Oliveira Júnior (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada).

Dr. Frederico Henrique Galves Coelho da Rocha (Universidade Federal de Goiás).

### **Secretaria**

Adriana Sodré de Assis, Universidade Evangélica de Goiás – UniEVANGÉLICA

### **Portal de Periódicos Eletrônicos da UniEVANGÉLICA**

Dra. Natasha Sophie Pereira, Universidade Evangélica de Goiás – UniEVANGÉLICA.

Adriana Sodré de Assis, Universidade Evangélica de Goiás – UniEVANGÉLICA.

### **Pareceristas**

Dra. Maria do Perpétuo Socorro Chaves (Universidade Federal do Amazonas)

Dr. Marcos Flávio Portela Veras (Universidade Evangélica de Goiás)

Dra. Maria Audirene de Souza Cordeiro (Universidade Federal do Amazonas)

Dr. Alfredo Ferreira de Souza (Universidade Federal de Roraima)

Dra. Lídice Meyer Pinto Ribeiro (Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias)

Dra. Mariana Maranhão Rezende da Costa (Universidade Evangélica de Goiás)

Dr. Ricardo Lopes Dias (Universidade Presbiteriana Mackenzie)

Dr. Willibaldo Ruppenthal Neto (Faculdade Batista do Paraná)

Dr. Jakson Hansen Marques (Universidade Federal do Amazonas)

Dr. Frederico Henrique Galves Coelho da Rocha (Universidade Federal de Goiás).

## EDITORIAL

A existência humana sempre foi marcada por relações entre grupos sociais que abrigam diferentes formas de lhe atribuir sentido. O fato de terem histórias e lógicas particulares não implica necessariamente que toda a diversidade ou alteridade tenha que ser eliminada, mas que haja a possibilidade de troca de saberes. Dessa forma, deve-se haver um exercício contínuo de combate às desigualdades simbólicas que foram se consolidando historicamente.

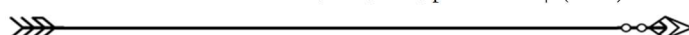
Diante do grande potencial da educação na circulação de saberes e formação de uma nova mentalidade, apresentamos mais uma edição da revista, onde a lógica do outro é o grande *locus* dos trabalhos publicados. Não obstante a necessidade de dar visibilidade às discussões em torno de questões pertinentes a contextos de interculturalidade, há também que se combater qualquer tipo de cerceamento do direito de versões que possam “parecer” diferentes aos estudos sobre os diferentes.

O primeiro artigo de Krakimbéri Suyá e Juliana Andrade apresenta uma preocupação crescente entre os povos indígenas brasileiros sobre o adoecimento mental. Sendo a primeira autora, indígena, da etnia Kisêdjê, o texto se fundamenta numa revisão integrativa de literatura, mas expressa claramente um interesse em torno da temática, sobretudo, a partir do aumento do índice de suicídio entre tais populações.

No artigo de Sérgio Botileiro há uma articulação do papel do xamã como mediador da resolução dos mais diversos problemas existentes em um grupo étnico indígena. Os Yanomami têm chamado a atenção do Estado brasileiro por conta de intervenções sociais de mineradores que tem afetado a saúde da população. Este texto demonstra a relevância de compreender as categorias utilizadas pelos indígenas para atribuir sentido e encontrar caminhos de resolução de problemas.

No artigo seguinte, Carlos Carvalho e Valdir Vasconcelos abordam a questão do perspectivismo nos estudos etnológicos ameríndios. Por meio de uma revisão de literatura, os autores exploram aportes teórico-metodológicos sobre esse conceito como tem sido aplicado para entender alguns fenômenos. Com destaque na abordagem de Eduardo Viveiros de Castro, há uma tentativa de apresentar uma breve noção de um conceito complexo e multifacetado.

No quarto capítulo, Ricardo Pereira da Costa e Eurico Lopes da Costa apresentam uma reflexão sobre a lógica das territorialidades ciganas. Enfocando a apropriação



sociocultural do espaço na lógica cigana, há uma clara percepção da mobilidade do território. Isso se contrasta com a lógica territorial do Estado moderno que predomina nas políticas de ordenamento territorial, sendo, portanto, necessário mediações e diálogo para entender esse segmento da população em seus próprios termos.

No artigo Francisco Chaves dos Santos e Sergio Paulo Horta Pereira, o leitor encontrará um breve estudo sobre o fenômeno dos desigrejados. Este tem chamado a atenção da igreja evangélica e dos estudiosos das ciências humanas e sociais, em virtude do aumento de pessoas que não querem mais frequentar templos religiosos. Embora não frequentem essas pessoas não querem oficializar sua saída, querem manter algum “vínculo”.

Por sua parte, Lucas Batista Quintino nos traz em seu texto uma relação historicamente polêmica e controversa entre a atuação de antropólogos e linguistas missionários. Aborda a relevância do trabalho linguístico que tem sido desenvolvido desde a década de 1960, com grande contribuição para vários grupos étnicos. Não questiona a importância da antropologia, mas levanta a questão de um diálogo mais simétrico entre ambos.

Para concluir esta edição, Carolina Ribeiro Dias Canuto apresenta uma discussão em torno da comparação da noção de água potável entre os indígenas do alto rio Negro e as agências de saúde indígena. Por meio de um relato autobiográfico a autora narra um pouco da sua trajetória como agente de saúde na região participando de uma campanha de conscientização das populações indígenas na prevenção de doenças transmitidas por água não potável.

Boa leitura!

O Editor